

“Espero

UMA GRANDE LEGIÃO

*de valentes soldados de Jesus e de Maria que enfrentem o mundo, o demônio e a natureza humana corrompida, sobretudo nos novos e perigosos tempos que se aproximam” **

[Artigo do Servo de Deus **Frank Duff**, fundador da Legião de Maria, divulgado na Revista oficial *Maria Legionis*, versão espanhola, 1978, nº 1, páginas 1 a 5.]

O *Manual* diz que o começo da Legião de Maria não foi obra de planejamento humano. Simplesmente sucedeu assim, sem a menor discussão, como se tudo tivesse o ar de algo terminado e definitivo. Mas ao examinar mais tarde, à luz do seu grande desenvolvimento, o fato determinante, apareceu evidente a mão da providência, estando previsto cada detalhe de uma maneira precisa. Esta precisão, além disso, ia infinitamente além do que poderíamos imaginar. Mas, não é isto pintar a Legião com cores demasiado vivas? Não, porque Deus tem em conta todos os infinitos detalhes de suas obras. Basta fixar-se no olho ou qualquer outra parte de um inseto através de um microscópio eletrônico, para ver a pura maravilha do mesmo. Se isto aplica-se ao inseto destinado a viver um dia ou dois e cuja finalidade todavia não conhecemos, por que negar a mesma classe de preparação e perfeição à Legião de Maria, classificada já como obra importante na Igreja?

Ver Deus em suas obras é um ato de adoração. É também um de seus aspectos mais incompreensíveis saber que se compraz em nossa admiração por sua obra. Mas neste caso trata-se de algo mais importante. Trata-se de saber o que Deus pensava a respeito da Legião de Maria. Ficou seu desígnio totalmente cumprido por seus instrumentos humanos? Porque a cooperação dos mesmos foi um fato real. Não foi um automatismo. O homem tem sua parte responsável. Pode fazer e pode desfazer.

Gosto de acreditar que Deus levou a cabo todo o processo da Legião e que esta veio ao mundo como ele a quis. Apóio esta crença no fato de que as pessoas apenas intervieram nos fatos que tinham ante seus olhos. Podemos afirmar que apenas nada acrescentaram. O único novo ingrediente foi a total compreensão de Maria. Não se poderia dizer que isto foi forçado. Entrou com tanta naturalidade que não deu lugar a comentário algum.

Se assim sucederam realmente as coisas, não podemos alegar razoavelmente que só Deus fez o desenho da Legião? Podemos pedir mais que isto para a Legião?

Podemos, além disso, ante nossa atual avaliação de uma experiência de mais de meio século, afirmar que captamos fielmente o desígnio original da Legião? Em certa ocasião, o Arcebispo Downey de Liverpool disse que toda organização católica deveria suprimir-se nos cinquenta anos de seu nascimento; com essa data estava velha como uma pessoa e havia dado seus melhores frutos. Seria triste pensar que isto representa um fato geral. Em todo caso, não se aplica à Legião, que acaba de chegar à sua idade adulta e é agora que começa sua vida de trabalho. Mas seria terrível pensar que as palavras do Arcebispo cumpram-se na medida em que a Legião debilita-se e envelhece. As coisas verdadeiramente sobrenaturais não estão submetidas a este processo. Os sacramentos não se deterioraram em vinte séculos. Se a Legião é de verdade uma obra de Deus, por que haveria de durar somente meio século?

Mas, certamente, as instâncias humanas podem introduzir defeitos. Uma pequena divergência em qualquer ponto da linha pode-se prolongar e terminar em algo quase oposto à medida que corre o tempo.

Portanto, o trabalho deste Congresso é examinar mais diretamente a Legião tal como nasceu. E depois, tratar de ver se evoluiu retamente ou se houve desvio.

As raízes do presente afundam-se no passado. Sem dúvida, os antecedentes da Legião estão muito longe, demasiado longe para podê-los captar em uma só olhada; mas sua forma apareceu muito distinta em 1917. Coincidentemente, esse mesmo ano inclui Fátima e a Revolução Russa, que tão importantes consequências tiveram sobre a Religião. Nesse mesmo ano, chegou ao poder da Sociedade de São Vicente de Paulo, Myra House. Isto por sua vez facilitou as condições de lugar

que permitiram as diversas atividades destinadas ao cuidado de crianças e mulheres. Há de se descrever isto com todo detalhe, já que em relação à Legião é quase como a da criança em gestação.

O organismo diretor, que eu chamarei de conselho, reunia-se mensalmente no domingo, às quatro da tarde. Assistiam vários membros. O diretor espiritual era o Padre Michael Toher e tinha outros quatro envolvidos. O procedimento estava baseado geralmente sobre o das Conferências de São Vicente de Paulo com algumas modificações. Uma destas referia-se às orações do início. A Sociedade de São Vicente de Paulo começava suas reuniões com a invocação e a oração do Espírito Santo, seguida de uma Ave Maria e as jaculatórias: Sagrado Coração de Jesus, Imaculado Coração de Maria, São José, São Vicente de Paulo, São Patrício – a última foi a conferência sob a qual germinaram estas novas atividades.

Nessas orações o conselho fez uma alteração vital. Substituiu a Ave Maria pelo terço. Este fato foi notável, pois que o terço não havia sido incorporado em nenhum comitê ou reunião de trabalho. Por outro lado, isto não provava a existência da idéia da Legião atual. Desenvolverei este ponto mais adiante.

Depois das orações, havia uma leitura espiritual. Seguiu uma leitura da ata da reunião anterior. Finalmente, cada membro fazia seu relatório.

Os trabalhos eram diversos: casos individuais, o ensino do catecismo depois da Missa do domingo, que tinha lugar às 12 da manhã; recrutamento de membros para os Pioneiros e a liga da Missa diária; o interesse das famílias pela entronização do Sagrado Coração; a direção de grupos de meninos de diferentes classes. Finalmente, e isto tem um lugar especial na organização, foram incorporados quatro irmãos, que sob o título de Irmandade de São Camilo, visitavam os enfermos no Dublin Union Hospital.

Num momento da reunião, o Padre Toher fazia uma alocução. Era um homem sumamente espiritual com um acento marcadamente mariano.

Há todavia algo sugestivo para a Legião futura: a reunião terminava de uma maneira automática. Quando soava o ângelus na igreja de São Nicolas de Myra, que estava em frente, os membros punham-se de pé, recitavam a oração e a reunião terminava. Então as moças iam à cozinha e preparavam o chá para os assistentes.

A reunião era algo alegre e estimulante. Prenunciavam a reunião da Legião. Seu método de procedimento poderia ter continuado. Dada sua qualidade, poder-se-ia esperar que crescesse. Mas não foi assim. Consegui novos membros, mas no curso de quase quatro anos não houve necessidade de dividi-la. Provavelmente foi providencial, já que poderia ter interferido no caminho que conduzia à futura Legião.

Disse que a reunião não era mariana no sentido legionário. Tinha o terço, mas isto era algo universal no país naquela época. Era fervorosamente católica e havia dado um grande passo para a apostolicidade. Utilizava a Medalha Milagrosa e estava interessada no alistamento do povo no Escapulário Marrom. Sua concepção era espiritual; mas, repitamos, *não* era a Legião. E este fato há de ser reconhecido nestas discussões atuais.

Em 1919, alguns de nós havíamos encontrado o livro de São Luís Maria de Montfort sobre a verdadeira devoção a Maria. Situava Nossa Senhora em uma dimensão totalmente diferente à que estávamos acostumados. O catecismo não nos havia apresentado nunca nada parecido. Montfort a apresentava diretamente como mãe da vida cristã, absolutamente indispensável, implicada na distribuição de toda graça. Esta grandeza do papel que lhe atribuía e mesmo a veemência em seu modo de descrevê-la davam a impressão inicial de um forte exagero. No entanto, tinha garra e obrigava a ler e perguntar. Durante uma etapa deste processo chegou-se à convicção de que o livro estava certo e de que a apresentação comum de Nossa Senhora não estava.

A seriedade disso foi como um choque elétrico. Significava que dispensávamos virtualmente Maria. Então começamos a falar disso entre nós. Não entendê-la com claridade, a explicação não é fácil, mas ficamos de certo modo atentos.

Num domingo na reunião do conselho alguém puxou o tema. Disse que muitos estavam interessados, se bem que não o entendessem. Seria possível ter uma reunião especial para tratar exclusivamente esse tema? O grupo aceitou esta sugestão e marcou um domingo a meio tempo

entre essa e a próxima reunião normal.

A reunião aconteceu. Incluíram-se as orações e a leitura espiritual, mas sem os pontos da agenda costumeira. Haviam me encomendado abrir a sessão com uma palestra. Com frequência pergunto-me por ela. Foi seguida do que hoje chamaríamos uma discussão patricia e foi muito viva. Terminou-se, como de costume, rezando o ângelus às seis da tarde.

Pareceu só uma reunião interessante. Não houve apoio entusiasta. Ninguém sentiu-se comovido. Ninguém declarou-se ganho por ela. Era um tema de simples explicação e discussão da verdadeira devoção. Não se chegou a nenhuma decisão e não se tomou resolução alguma. A coisa tinha o aspecto de um assunto não acabado, que se havia de terminar, digamos, em nossa próxima reunião. De todo modo, esta observação tenderia a fixar-se pelo término brusco da reunião pelo ângelus. E, no entanto, os assistentes não tiveram intenção de prolongar a reunião. Consideravam haver chegado a uma evolução no assunto que os reuniu. E assim atuaram.

Haviam passado um par de horas na contemplação de Maria tal qual é, e dando assentimento ao que viam. Ainda que não dessem conta, isso mudou suas concepções espirituais. Como veriam no futuro, sua atitude lhes havia preparado para uma grande aventura. Haviam puxado uma corda que levava às rodas do destino.

Quinze dias mais tarde, teve lugar a reunião seguinte do conselho. A ata não fazia alusão à reunião sobre a verdadeira devoção, nem se fez desta nenhuma menção. Mas algo de importância aconteceu.

Matt Murray, que essa mesma manhã visitou o Union Hospital, foi chamado a dar seu relatório. Foi um relato de acabrunhar e impressionante, produzindo em todos o mesmo efeito comovedor. O relatório estava destinado a dar à luz a Legião de Maria.

Imediatamente depois da reunião, quando se estava preparando o chá, duas das moças vieram ao Padre Toher e a mim para nos falar do importante relatório do irmão Murray. Depois perguntaram se não seria possível organizar as moças para fazer o mesmo trabalho. A resposta foi que seria possível sempre e quando houvesse um número suficiente. Saíram e num momento voltaram com meia dúzia de moças dispostas a trabalhar. Combinou-se que se teria a primeira reunião na próxima sexta-feira às oito da noite, em uma sala que havia no fundo do salão.

Aquela noite era a vigília da festa da Natividade de Nossa Senhora, circunstância que não se notou no momento. Às oito da noite, reuniram-se quinze pessoas, treze mulheres, quase todas jovens, o Padre Toher e eu mesmo. Teve lugar algo ante nossos olhos que naquelas circunstâncias poderíamos chamar com toda razão portentoso. Na mesa estava o altar da Legião, tal como temos hoje, mas sem o Vexillum, naturalmente. Isto se deveu à iniciativa de uma delas que primeiro chegaram, Alice Keogh, que mais tarde foi a primeira vocação religiosa do grupo.

É de notar que esta estátua particular não tinha parte alguma nos assuntos de Myra House. Veio em 1916 como parte de uma obra desaparecida e que a Legião haveria de absorver mais tarde. Entretanto, a estátua estava encostada esperando o dia em que se colocara para um uso tão dramático.

Aquele altar produziu um efeito transformante sobre a sala vazia. Colocou o fator adequado e exato para a reunião. Fez de Maria a idéia visível principal. Os novos membros não se reuniram para depois convidá-la. Ela estava ali antes de que se reunissem e não tiveram que fazer mais que unir-se a ela. Não iam formar uma simples associação, mas amar e servir uma pessoa. Há uma força superior nesta idéia.

Não repito os detalhes daquela reunião; creio que o conheceis bem. Limite-me às peculiaridades próprias a este tema. Em um sentido, aqueles membros não fizeram nada de novo. Estavam aplicando seus velhos métodos a uma obra nova. Recitaram suas orações habituais. E no entanto, tudo foi diferente.

Era como se uma nova personalidade entrasse no grupo e se fizesse sentir de diversas maneiras. O mais estranho foi a confiança com que se sentaram a fazer planos, como se estivesse seguros do futuro. Por ora, seguiriam visitando o hospital que os havia reunido. Mas tarde, emprenderiam outras tarefas. Não buscariam por agora a filiação de outros homens por causa de certas dificuldades, mas não seriam uma associação exclusiva de mulheres. Depois chegariam os

homens. Não levariam ajuda material nem agora nem mais tarde. E assim sucessivamente com aquela singular segurança que lhes caracterizava e que não podia dizer que procedia delas.

O aspecto mais peculiar talvez era que não projetavam a atmosfera da reunião mensal da qual acabavam de nascer. Pareciam estar voltando à reunião sobre a verdadeira devoção, feita dezessete dias antes. Contudo, não fizeram menção expressa dela. Deu-se por suposta. Foi como se tudo discutido nela houvesse moldado formalmente em resoluções (o que eu as havia explicado não vinha ao caso) eram agora declaradas formalmente como a fundação espiritual da Legião de Maria – tampouco era este o caso. Não houve discussão sobre este último ponto. Foi como se todos estivessem tão completamente convencidos pela reunião da verdadeira devoção, que ninguém teve necessidade de acrescentar mais sobre o tema. Simplesmente traçaram-se os princípios de sua relação com Maria. Estavam entrando em uma união com ela da que tudo dependia. Ela era sua mãe. Não só se submetiam a seu cuidado, mas que também tratariam de ajudá-la com seus outros filhos.

Não houve problema em declarar Nossa Senhora como patrona da nova associação. Sua relação com eles foi além dessa idéia. De um golpe, a espiritualidade da reunião mensal ficou substituída e superada. A nova associação converteu-se em uma grande coisa, e no instante começou a crescer. Em seu primeiro ano produziu quatro grupos, enquanto que o conselho não havia produzido um só em quatro anos. Pouco a pouco fez seus os objetivos do grupo pai, o conselho inicial. Anteriormente havia sido só uma de suas funções.

Diz-se que a Legião nasceu plenamente adulta. Não é totalmente exato. A princípio, por exemplo, não possuía seu nome atual. O Vexillum, a Tessera, o Compromisso, seus Padroeiros, a Catena, a oração da Legião, estavam ocultos no futuro. Suas doutrinas fundamentais, como o Corpo Místico e o Espírito Santo foram captados imperfeitamente nas primeiras etapas, mas estavam ali – da mesma maneira que a criança tem órgãos que todavia não compreende. Mas essa imagem da criança é totalmente eficaz em um aspecto. A criança concentra-se em sua mãe e a criança atua, além disso, em relação com sua mãe.

Não há dúvida de que a Legião em seu primeiro estágio conheceu sua mãe em um sentido mais profundo que a comunidade geral. Logo pôs-se a trabalhar para fazer prático aquele conhecimento. Empreendeu um apostolado em um momento que nem sequer concebia-se para os leigos. O motivo era a ajuda de Maria na entrega de Jesus.

Não se pode duvidar de que desde então acrescentou-se muito conhecimento adicional, mas a questão vital é saber se este foi universal na Legião. Se só uma minoria possuísse esse pleno conhecimento, não se poderia afirmar que a Legião avançou. Significaria que a Legião em sua primeira noite conheceu mais que a atual Legião estendida por todo o mundo. Suporia uma falha terrível no momento em que o mundo afunda-se no abismo e mais necessita da Legião.

Parece impossível, no entanto, que possa existir este defeito. Em toda reunião de qualquer nível da Legião explica-se o sistema por todos os meios, por meio do *Manual*, do *Allocutio*, da leitura espiritual e dos relatórios. Seria impossível que isto não desse a conhecer a verdadeira Legião a todos os membros. Mas quando alguém estuda muitos dos *Praesidia*, fica perplexo. Como uma boa teoria pode produzir uma prática pobre? Por isso repito com não pouca angústia: “É possível que a Legião, tal qual veio à existência em sua primeira noite, fosse melhor do que é hoje em dia?”

Atualmente a Legião é famosa e infinitamente maior, mas o conseguido nesses aspectos e à custa do espírito não seria um ganho. Recordarei a frase de Newman de que um crescimento material sem uma manifestação moral correspondente é algo demasiado horrível de supor.

Volto novamente a aquela reunião mensal do conselho. Durou quase quatro anos antes de dar a Legião. Teve muito êxito e seu tom era bom. Parecia, contudo, que seu propósito era criar muito deles, na realidade, os mesmos indivíduos. Dissipou-se depois. Possuía o mesmo tipo de membros, embarcou num mesmo tipo de trabalho. Naqueles anos nada interrompeu sua rotina comum até que se teve aquela reunião especial sobre a verdadeira devoção. E depois, num abrir e fechar dos olhos, algo sucedeu que conduziu a uma nova ordem. Em dezessete dias a Legião de Maria estava em marcha.

É impossível crer que a união entre a reunião da verdadeira devoção e a aparição imediata da Legião da reunião mensal seguinte fosse mera coincidência. Houve nela demasiados altos desígnios e muito pouca intervenção humana. Haviam passados quase quatro anos sem nenhum incidente até que se teve a reunião da verdadeira devoção. No momento em que se estabeleceu nos espíritos a verdadeira dimensão de Nossa Senhora dentro do sistema cristão, as coisas ficaram prontas para a Legião. A questão do “quando” pareceu solucionar-se por si mesmo através das linhas da conveniência dos futuros membros. Mais uma vez vemo-nos obrigados aqui a descobrir a atuação de uma idéia superior. A Legião veio à existência nas primeiras vésperas da festa da Natividade de Nossa Senhora, fato não notado até algum tempo depois.

Como sabeis, a Legião se conheceu durante alguns anos pelo nome de seu primeiro grupo, Nossa Senhora da Misericórdia. Eu diria que a adoção do nome Legião de Maria teve efeitos estimulantes secundários só para os da reunião da verdadeira devoção. A organização começou a luzir sua própria plumagem. O nome trouxe consigo nossa terminologia latina e o Vexillum.

O Vexillum há de considerar-se sob um ponto de vista intelectual, menos como um formoso emblema que por sua significação espiritual. O surpreendente é que foi a história e não a teologia a que concebeu o Vexillum. Foi o nome de Legião que apontava para o vexillum romano como emblema da Legião; mas naturalmente, havia que fazê-lo católico. Por uma simples adaptação, a águia converteu-se em pomba. O imperador passou a ser a Rainha dos céus, e assim sucessivamente. A evolução final põe diante de nós a concepção legionária de si mesma: o Espírito Santo dá-se a si mesmo ao mundo por meio de Maria.

A imagem da Tessera, destinada a representar pictoricamente a Legião para fins de sua lista de orações, consegue o mesmo resultado de um ângulo diferente. O pincel e a pintura representam melhor que o metal a intimidade da união entre o Espírito Santo, Maria e seus membros. Está pintado como a bíblica coluna de fogo, e ele é o fogo que a cobre. Em redor da orla, estão os grandes textos que definem o papel de Nossa Senhora: a Mulher do Gênesis, a Corredentora, a Mediadora de todas as graças. Assim, cedo a Legião começou a venerá-la como Mediadora. A festa não foi aprovada por Roma senão em junho de 1921.

Quando chegou o Compromisso da Legião, produziu-se esse processo de expansão de coisas que haviam parecido menos importantes ou na sombra. Ainda que sua primeira palavra de oração fosse dirigida ao Espírito Santo, a Legião criança havia se concentrado em sua mãe. Mas no Compromisso a Legião havia adquirido maturidade e já vê Maria à luz do Espírito Santo. A Legião teve que saturar-se plenamente de Maria antes de que o Espírito Santo fizesse dela seu instrumento. Ainda que naquele momento não se compreendeu de todo, tudo estava implícito na primeira reunião da Legião de Maria. E estava mesmo contido nas primeiras palavras da oração dirigida ao Espírito Santo.

* O título do Artigo é inspirado em São Luís Maria de Montfort. Frank Duff está citando o nº 114 do *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem* que, aliás, está transcrito na página 136 do *Manual*. Apenas São Luís não fala em “legião” e sim em “*um grande esquadrão*”. Está no nome “legião” o ser grande, ser numeroso. É, pois, uma qualidade que devemos apresentar: sermos um exército numerosíssimo, isto é, uma legião, a Legião de Maria; que possui também “qualidade”, pois a Legião Romana é tida na História como um dos mais perfeitos exércitos, senão o melhor.